

Seminário FESPSP “Cidades conectadas: os desafios sociais na era das redes”

17 a 20 de outubro de 2016

GT 3 - Apropriação midiática em serviços de informação para o desenvolvimento da competência informacional e da cidadania.

O cinema como transformador de realidade: uma análise dos filmes dedicados ao público infanto-juvenil do festival Entretodos

William Paulino Rosa ¹

FESPSP – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

RESUMO

O Entretodos é um festival de curtas-metragens de direitos humanos que acontece na cidade de São Paulo, e esse artigo tem como objetivo analisar como essas curtas-metragens de caráter documental - em sua grande maioria - que são exibidos no festival, podem de alguma forma contribuir para que os espectadores construam um olhar crítico sobre o mundo. Tendo como ponto de partida o público infanto-juvenil e os filmes que são exibidos no festival para esse público, as análises terão como objetivo identificar o potencial que os filmes podem ter quando aliados ao processo educacional, e como essa junção pode ser transformadora para suscitar a curiosidade e um novo olhar sobre os direitos humanos.

Palavras-chave: Entretodos. Cinema. Infanto-juvenil. Educação. Transformação. Crítica.

INTRODUÇÃO

¹ Graduando em Sociologia e Política na FESPSP – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo
William.p.rosa@gmail.com

O cinema, para além de seu poder de entretenimento, pode também ser visto como uma ferramenta de transformação, pelo fato de que seu processo de criação e produção permite a construção de narrativas que giram em torno de uma série de assuntos, desde temas que podem ser considerados superficiais, que servem apenas para entretenimento e a manutenção da indústria cultural, até temas que suscitam determinadas inquietações. Esse segundo tipo de cinema é aquele que tem como propósito exibir filmes - documentais ou ficcionais - com temáticas que podem provocar reflexões a respeito do mundo que cerca aqueles que os assistem, e não apenas entreter.

Para esta análise, partimos da reflexão realizada por Adorno e Horkheimer acerca da indústria cultural e como ela utiliza seus produtos para manter certa organização social e, também, manter um distanciamento do público em relação àquilo que é exibido em filmes. Assim, apresentamos (04) quatro filmes exibidos pelo Entretodos que fogem a essa regra.

Ainda que de maneira mais generalizada o cinema seja utilizado para entreter, existem filmes que são produzidos com outras finalidades. Walter Benjamin apresenta uma visão sobre a construção de um filme que pode ser enxergada como bastante enriquecedora, pois, diferente de uma obra de arte ou de uma fotografia, que não podem ser modificados, o cinema, por sua vez, permite modificações das mais variadas em seu processo de produção.

O potencial do cinema tem sido amplamente explorado das mais diversas formas. Eduardo Morettin, que estuda a linguagem cinematográfica como uma das dimensões do processo educativo, também apontou alguns cuidados que se deve ter ao aliar o cinema à educação, permitindo refletir sobre diversos temas, como por exemplo, os direitos humanos, apresentando maneiras alternativas de discuti-los. É sabido que os direitos humanos devem ser amplamente discutidos e uma forma disso acontecer é utilizando filmes, assim como é feito no festival de curtas-metragens Entretodos.

As obras de antropólogos como Gilberto Velho e Claude Lévi-Strauss contribuem para esse artigo, como forma de evidenciar a importância de olhar para o outro, para o diferente, de maneira a aprender com ele, e não apenas ver esse outro como exótico, e também encontrar diferenças naqueles que nos são semelhantes. Compreender que indivíduos com outras formas de vida também buscam atribuir significados para o mundo em que vivem e que outras maneiras de enxergar o mundo são tão válidas como qualquer outra são pressupostos importantes encontrados nesses autores. Isso contribui para que seja possível uma real ampliação da visão sobre os direitos humanos.

OBJETIVOS

O Entretodos – objeto central deste artigo – exhibe anualmente em seu festival diversos filmes que possuem como alicerce em suas narrativas os direitos humanos. Eles são divididos em categorias, e tomamos a categoria infanto-juvenil como campo de análise, considerando que ela inclui filmes, frequentemente, direcionados ao público que, majoritariamente, está na escola, e assim, podendo ser utilizados de forma educativa e contribuir para a formação de um olhar crítico. Como base para esta análise, buscamos nos apoiar em autores como Walter Benjamin, Adorno e Horkheimer, Gilberto Velho e Eduardo Morettin.

As reflexões então propostas se tornam mais tangíveis quando se olha para os curtas-metragens que possuem como objetivo a construção de um olhar crítico em seus espectadores. Ainda, o artigo pretende trazer elementos que possam sustentar o fato de que filmes da categoria infanto-juvenil, exibidos pelo Entretodos, possuem potencialidades que podem ser incorporadas ao processo educativo – tanto no universo formal como não formal – e enriquecer a compreensão acerca dos direitos humanos.

A TRANSFORMAÇÃO POR MEIO DO CINEMA

O cinema é visto como uma arte transformadora e esse potencial de transformação é utilizado para diversos fins, desde promover debates políticos sobre determinados assuntos até ser usado como ferramenta para alienar os sujeitos sobre a realidade em que estão inseridos, ou também apenas para entretenimento. Sabendo disso, a indústria cinematográfica tem feito uso desse potencial de versatilidade em relação às suas produções, atendendo às necessidades da indústria cultural. Aqui a indústria cultural é entendida tomando por base as análises de Adorno e de Horkheimer – uma indústria da diversão, que se presta a reproduzir uma ilusão e assim controlando os indivíduos e mantendo os mercados -. Como Adorno e Horkheimer afirmam em “A Indústria Cultural”:

“Todavia, a indústria cultural permanece a indústria da diversão. Seu controle sobre os consumidores é mediado pela diversão, e não é por um mero decreto que esta acaba por se destruir, mas pela hostilidade inerente ao princípio da diversão por tudo aquilo que seja mais do que ela própria (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 112)

Isso quer dizer que os aspectos transformadores, políticos e educativos de um filme estão a cargo daquele que o produz. E como é possível perceber, o que depende da indústria cultural, seu objetivo gira em torno de mostrar aquilo que é distante da realidade do espectador para, assim, suscitar um desejo pelo inatingível e continuar a perpetuar o seu objetivo, que é manter os consumidores desejando um objeto, seja ele qual for, e assim: “A indústria cultural não cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que está continuamente a lhes prometer.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.115).

Ainda assim, o cinema pode ser visto como um meio para se atingir fins que não sejam apenas a perpetuação de um consumismo desenfreado. Mesmo porque o cinema é uma arte multifacetada, logo, existem infinitas possibilidades e objetivos que podem ser almejados e, de fato, alcançados pelos filmes.

Um dos aspectos do cinema que faz com que ele seja um tipo de arte que permite uma gama de opções está no fato de que como aponta Walter Benjamin: “*O filme é, portanto, a obra de arte mais passível de melhoria. E essa sua capacidade de ser melhorado está intimamente ligado a sua recusa radical do valor a eternidade.*” (BENJAMIN, 2013, p.65 grifo do autor).

Isso quer dizer que o filme tem a possibilidade de ser o que ele quiser, na verdade, de ser o que o seu autor quer que ele seja. E neste ponto é possível perceber algo de crucial: a diferença do cinema produzido pela indústria cultural e o cinema considerado independente, que busca tratar de temas que não são alienantes. Filmes, cuja intenção é que espectador saia da sua zona de conforto e enxergue a realidade do mundo em que vive da maneira que ele é, diferente de alguns filmes que são produzidos apenas para entreter seus espectadores de forma tão severa, que fazem com que eles permaneçam em um estado de inércia e tenham o final feliz como objetivo máximo de suas realizações em vida.

Um dos exemplos de festivais de filmes que será destacado neste artigo para comprovar que existem saídas para aquilo que é almejado pela indústria cultural, como afirmam Adorno e Horkheimer, é o festival brasileiro de cinema de direitos humanos Entretodos.

Este Festival chegou em sua nona edição em 2016. Foram nove anos e em cada um deles foram realizadas exposições de muitos filmes sobre os direitos humanos. Mas, para entender melhor o alcance que os curtas-metragens exibidos podem ter, faz-se necessário entender de forma objetiva o que são esses direitos humanos tão questionados e pautados na agenda de movimentos sociais, partidos políticos e da sociedade civil como um todo.

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, eles são baseados nas seguintes premissas:

Os direitos humanos são direitos inerentes a todos os seres humanos, independentemente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição. Os direitos humanos incluem o direito à vida e à liberdade, à liberdade de opinião e de expressão, o direito ao trabalho e à educação, entre e muitos outros. Todos merecem estes direitos, sem discriminação. O Direito Internacional dos Direitos Humanos estabelece as obrigações dos governos de agirem de determinadas maneiras ou de se absterem de certos atos, a fim de promover e proteger os direitos humanos e as liberdades de grupos ou indivíduos. (ONU Brasil, <http://www.dudh.org.br/definicao/> Acessado em 28/12/2015 grifo do autor)

A proposta do festival Entretodos é, então, exibir filmes que tenham alicerçado em sua narrativa as premissas da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Uma vez que o tema central que deve nortear os filmes são os direitos humanos, é possível compreender que tais obras possuem um caráter político, e mais, como suas exibições são realizadas em diversos locais, acabam por atingir um leque vasto de público, desde moradores das periferias a professores, passando por frequentadores de centros culturais e crianças². Isso pode ser visto como uma forma de difundir discussões sociais em espaços onde tais discussões precisam acontecer mais do que em qualquer outro.

Então, sabendo que o cinema pode ser visto e usado como um meio para a transformação da realidade e da visão dos indivíduos há quem diga que ele pode ser utilizado também de forma educativa. Ou seja, utilizá-lo com um objetivo real de instruir e modificar pessoas de forma intencional, tendo em vista uma emancipação, e não da forma como é comumente realizado pela indústria cultural, que em certa medida almeja a alienação.

Portanto, é imprescindível trazer para a discussão às possibilidades de um cinema educativo, e mais, um cinema educativo com os curtas-metragens de direitos humanos, que por suas características permitem que temas de extrema importância para a formação de um indivíduo sejam trazidos nos mais diversos formatos.

Adorno, além de analisar junto a Horkheimer a indústria cultural como já mencionado neste artigo, também analisa o potencial emancipador da educação, e afirma: “Mas não se deve esquecer que a chave da transformação decisiva reside na sociedade e em sua relação com a escola. Contudo, neste plano, a escola não é apenas objeto” (ADORNO, 2003, p. 116). Pode-se entender, então, que a sociedade precisa estabelecer um diálogo com as escolas, e não

² Cf. <http://www.entretodos.com.br/programa.php>

tê-las apenas como um local para deixarem as crianças. Enxergar a escola como uma extensão da sociedade e como local para questionamentos e construção de novas formas e metodologias de aprendizado. Relembrando Paulo Freire, um importante filósofo que trouxe grandes contribuições para a educação, em suas reflexões nos diz - em seu livro “Educação como prática de liberdade” - sobre o processo de ensino:

Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. (FREIRE, 1967, p. 90)

A educação é trazida para esta discussão porque o festival de curtas-metragens possui um viés educativo, e também possui um bloco que é voltado para o público infanto-juvenil – público que majoritariamente compõe o quadro de alunos das escolas. E uma vez que o cinema e a educação podem de alguma forma se complementar e gerar transformações sociais, é então primordial que a análise se volte para os filmes infanto-juvenis.

Vale ressaltar que este artigo não se presta a tratar de correntes educacionais específicas, e nem de realizar um panorama histórico da educação no Brasil, mas é importante contextualizar como e quem fala sobre o cinema como uma ferramenta a ser utilizada de forma educacional. Um desses autores é Eduardo Morettin que afirma: “Os professores dispõem, cada vez mais, de novas tecnologias audiovisuais que podem ser incorporadas à sua prática escolar.” (MORETTIN, p.13, 1995). Sua afirmação é legítima e complementa, em seu artigo, que o cinema pode ser utilizado para aulas de história, por exemplo, desde que seja levado em consideração o momento histórico que o filme pretende retratar, pois é de grande relevância saber disso na hora de olhar o que filme enfatiza e o que sublima. Apesar de o seu artigo ter sido escrito em 1995, é sabido que nos últimos anos a tecnologia invadiu as escolas, requerendo uma boa organização para atender as demandas dos alunos. Então, o cinema está em voga como uma ferramenta de âmbito educacional há algum tempo³.

³ O cinema educativo, entendido como um importante auxiliar do professor no ensino e um poderoso instrumento de atuação sobre o social, foi debatido e defendido por muitos pedagogos e intelectuais paulistas e cariocas nos anos 20 e 30, como Manoel Bergstrom Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, Edgar Roquete Pinto e Jonathas Serrano, entre outros, que também estavam preocupados com a introdução dos princípios da chamada Escola Nova nos currículos. MORETTIN, E. Cinema educativo: uma abordagem histórica. Comunicação e educação, São Paulo, (4): 13 a 19, set/dez. 1995.

Sabendo do potencial transformador do cinema e da educação e uma vez que o festival Entretodos é direcionado para faixas etárias distintas, este artigo irá se concentrar na programação que é direcionada ao público infanto-juvenil, como já mencionado. Nesse sentido, compreender se é possível uma articulação dos filmes propostos pelo festival com a educação de forma amplamente entendida é a pergunta que norteia este artigo. A mostra não possui um fim estritamente educativo, embora os filmes também sejam exibidos em ambientes com viés educador.

FORMANDO UM OLHAR CRÍTICO:

UMA ANÁLISE DE FILMES EXIBIDOS PELO FESTIVAL ENTRETODOS E SUAS POSSIBILIDADES

A cada edição do Entretodos, são escolhidos por meio de uma curadoria diversos filmes – desde que dentro do tema – para serem exibidos em diferentes pontos da cidade de São Paulo. Eles são subdivididos em categorias. Aqui serão expostos e analisados quatro filmes da categoria infanto-juvenil, a partir das referências conceituais de Adorno e Horkheimer quanto à indústria cultural, considerando o aspecto multifacetado do cinema como visto por Walter Benjamin, e o potencial educativo que ele pode trazer, como apontado por Eduardo Morettin. Assim, os curtas-metragens serão analisados como elementos que podem ser incorporados à prática educativa, seja ela formal ou não formal ⁴.

O curta-metragem “Carnaval dos Deuses” da diretora Tata Amaral aborda a questão da tolerância religiosa e sobre a oportunidade de aprender com o outro, com o diferente. Através do diálogo de diversas crianças que estão se preparando para o carnaval na escola, uma conversa sobre a diferença religiosa acontece entre elas. Iniciam-se discussões acerca das crenças e dos costumes de cada um, demonstrando a importância de respeitar o que é diferente daquilo que conhecem e estão habituados. O curta-metragem pode ser visto como

⁴ “O uso do termo “educação não formal” para designar ações do campo educacional começou a ser frequente no Brasil, a partir da década de 1980 – primeiro, de uma forma muito sutil e discreta e, a partir de meados da década de 1990, já de maneira bastante intensa. Considerando-se as pesquisas e estudos no campo da educação não formal, é possível considerá-lo uma nova área em formação. Dessa forma, ela não possui um referencial teórico específico, e as contribuições vêm de outras especialidades da educação e de outras áreas do conhecimento.” GARCIA, Valéria Aroeira. 2. Educação não formal: um mosaico, p.49. In Programa curumim: memórias, cotidiano e representações. Margareth Brandini Park; Renata Sieiro Fernandes (org.), 2015. Edições Sesc São Paulo.

um meio para suscitar discussões pertinentes em tempos em que se vê na sociedade atos de violência motivados por intolerância religiosa⁵. Trazer para a discussão esse tema de maneira que o público infanto-juvenil possa assistir e se enxergar pode ser uma forma de ressaltar a importância que tem a liberdade religiosa.

O processo educativo, seja ele formal ou não-formal, é sempre enriquecido a partir da troca com o outro que é diferente, trazendo novas informações e contribuições, mostrando formas alternativas de interpretar o mundo através de suas crenças.

Outro filme já exibido pelo festival, que pode ser utilizado para ampliar ainda mais o debate e a visão acerca das diferenças e da importância de respeitá-las, é “Naiá e a Lua”, do diretor Leandro Tadashi e o curta “Malú”, de Álvaro Meneses. O primeiro é uma montagem de uma lenda indígena e conta a história de Naiá, que é uma índia que se apaixona pela Lua após ouvir a história a respeito deste satélite natural da Terra, que no mito indígena se chama Jaci e escolhe belas índias para ficar ao seu lado. Sua paixão é tão forte que certa vez Naiá acorda no meio da noite ofuscada pela luz da Lua que invadia sua maloca, fazendo-a correr mata à dentro para alcançar a Lua. E de uma forma ou de outra ela consegue atingir o seu objetivo de ficar ao lado de Jaci. Esse filme conta a lenda do surgimento de uma planta bem comum na Amazônia, a Vitória-Régia.

O potencial educativo deste filme se dá na possibilidade de trazer de maneira visual uma lenda, e ir além de imagem que é construída apenas pela imaginação de quem ouve ou a lê, dando-lhe forma. É possível com este filme abordagens acerca de mitos indígenas e observar a importância que eles têm para as sociedades que os criaram. Ainda, permite compreender que mitos, de alguma forma, exercem um caráter organizacional nas sociedades, pois segundo Claude Lévi-Strauss: “[...] a mitologia é considerada uma reflexo da estrutura social e das relações sociais.” (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 295). Assim, utilizar a mitologia para explorar características das sociedades pode ser de enriquecedor para o processo de aprendizagem.

O segundo curta-metragem, “Malú”, trata sobre a inclusão social, em particular, a de pessoas que possuem autismo. Malu mostra que o autismo é uma característica de sua personalidade, mas não é o que a define, pois existe uma série de

⁵Cf. <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/06/1642819-apos-sair-de-culto-de-candomble-menina-de-11-anos-leva-pedrada-no-rio.shtml>

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/11/27/interna_cidadesdf,508302/terreiro-de-candomble-e-incendiado-na-regiao-do-lago-norte.shtml

outras características que constroem a identidade de um indivíduo, e ser definido apenas por uma delas é um equívoco reducionista. O filme mostra a importância de levar em consideração a totalidade de um ser humano e não apenas o que o diferencia. E suscita uma discussão bem interessante do ponto de vista da inclusão social, pois evidencia que indivíduos com deficiência são pessoas com características como qualquer outra pessoa, e uma dessas características pode ser uma deficiência física ou cognitiva. Esses são aspectos que tornam os indivíduos únicos.

Por fim, “Papel de Mulher”, de Saulo Garroux, é um filme que provoca uma reflexão a respeito do lugar em que a mulher é colocada em nossa sociedade e como ela ocupa este lugar. E mais do que isso, o filme tem como foco dar voz para as mulheres dizerem onde e como querem estar na sociedade. Gênero é um tema bastante importante e necessário para ser discutido, especialmente com crianças, levando em consideração que, desde cedo, a sociedade se presta a delimitar papéis e aspectos que são considerados femininos e aqueles que considerados masculinos.

Vale ressaltar que este tipo de ação gera influências no modo em que meninos e meninas se diferenciam e se constroem enquanto indivíduos. Conforme menciona Tania Maria Cordeiro de Azevedo, para ser possível que essas delimitações entre feminino e masculino sejam extrapoladas, a autora sugere:

Parece relevante, então, estender o leque de opções da escolha de brinquedos e práticas de brincadeiras às crianças independentemente do seu sexo, pois é muito provável que, ao brincar ou ao incorporar práticas destinadas socialmente ao sexo oposto, os indivíduos, além de subverterem a ordem, interferindo na desconstrução de papéis sociais, contribuam para a construção de outros padrões, mais flexíveis e abrangentes, com os quais as subjetividades possam formar-se de uma maneira mais plena do que se constata nos dias atuais. (AZEVEDO, 2003, p.52)

Há diversas maneiras para que esse assunto possa ser levado para uma discussão escolar de forma clara e objetiva, e até mesmo lúdica. Um exemplo de uma forma interessante para tratar sobre o assunto – além de filmes – foi realizado pela Editora Boitempo, com o seu selo infantil Boitatá, que publicou diversos livros com uma linguagem considerada infanto-juvenil, e dentre as publicações está o livro “As Mulheres e Os Homens”, que trata a questão de gênero de maneira clara, da mesma forma que o curta “Papel de Mulher” se propõe a fazer.

Assim, os filmes selecionados para a análise possuem um caráter transversal, no sentido de que perpassam diversas temáticas e interpelam temas que são

aplicáveis ao processo educacional, seja ele por uma escola convencional e em espaços educativos não formais.

O fato é que, recuperando o que já foi evidenciado anteriormente, podemos perceber que as temáticas trazidas e abordadas pelos curtas-metragens acima citados fogem daquilo que é proposto pela indústria cultural. Já não são vistos de forma a suscitar o desejo de seus espectadores pelo inatingível, e tampouco perpetuar uma alienação sobre a realidade de quem assiste aos filmes. Também, não almejam apenas o divertimento ou uma espécie de aceitação, mesmo porque, como afirma Walter Benjamin:

Enquanto, por um lado, o filme aumenta a compreensão das coerções que regem nossa existência – por meio de close-ups, enfatizando detalhes escondidos em objetos de cena correntes, por meio da investigação de ambientações banais sob a liderança genial da objetiva –, por outro, ele nos assegura um campo de ação [*Spielraum*] monstruoso e inesperado (BENJAMIN, 2013, p. 83 grifo do autor)

Aqui o autor evidencia que o filme traz uma infinidade de possibilidades e formas de enxergar algo, e que isso é interessante e enriquecedor. Mas ao mesmo tempo gera uma perda da experiência, uma vez que o espectador perde a noção de como aquilo que ele está vendo numa tela se dá na realidade. De qualquer forma, essa gama de possibilidades gerada pelo cinema é o que garante o caráter transformador de alguns filmes, como as produções que aqui foram analisadas, por alcançarem os seus espectadores de maneiras distintas.

Por mais que haja uma perda da experiência ou distanciamento da realidade ao assistir alguns filmes, usá-los como elementos emancipadores, educativos – e não alienantes – pode ser algo de grande impacto e de transformação social. Outro elemento importante a ser mencionado é que para além da transversalidade de assuntos que os temas dos filmes analisados nos mostram, os quatro curtas-metragens se prestam a falar do outro, daquele que é diferente de nós e que pode nos mostrar outras formas de vida possíveis.

Nesse sentido, Gilberto Velho aponta:

Assim, volto ao problema de Da Matta, para sugerir certas complicações. O que sempre *vemos* e *encontramos* pode ser familiar mas não é necessariamente *conhecido* e o que não *vemos* e *encontramos* pode ser exótico mas, até certo ponto, *conhecido*. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente. (VELHO, 2013, p. 72 grifo do autor)

Embora essa pesquisa não tenha se valido estritamente da proposta metodológica acima, incluímos a sua contribuição para podermos comparar com as possibilidades que

filmes, como os analisados nesse artigo, têm de fazer com que os indivíduos entrem em contato com o desconhecido, com aquele que é considerado diferente – mesmo que esse desconhecido ou diferente esteja próximo - e, assim, possibilitar que os direitos humanos, eixo norteador desse artigo, possa ser aplicado às mais variadas realidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na discussão teórica proposta e nos filmes analisados, é possível perceber que os filmes exibidos para o público infanto-juvenil pelo festival Entretodos podem ser utilizados para fins educativos.

Primeiro por conta do potencial transformador que possuem – transformador no sentido de que são filmes que trazem em suas narrativas temas que dizem respeito a realidades sociais, formas de vida, lendas etc –, fazendo com que seja possível que aqueles que os assistirem tenham a possibilidade de olhar para a realidade de maneira questionadora. E pelo fato de que, uma vez que abordam temas que dizem respeito aos direitos humanos, a formação de um olhar crítico para o que é visto para além do filme se faz possível, já que insere o espectador dentro de um debate extremamente necessário, de tal forma que ele possa enxergar os direitos humanos por outro ponto de vista – aquele apresentado por obras cinematográficas.

E segundo porque uma vez que os filmes exibidos no festival não são aqueles filmes que são produtos da indústria cultural – como é vista e analisada por Adorno e Horkheimer –, é possível então pensar que o objetivo desses filmes não é a alienação e a perda da experiência, mas o seu oposto. Ao provocarem reflexões sobre o universo e a realidade que rodeiam quem os assiste, existem possibilidades de que haja uma real transformação sobre a forma de olhar o mundo, e de entender os direitos humanos, talvez, de uma forma prática, ainda que através de filmes.

O fato de que os curtas-metragens exibidos no festival tenham como base os direitos humanos em suas narrativas mostra como o cinema é capaz de sensibilizar e construir um olhar crítico a respeito de determinados assuntos. Isso corrobora a afirmação de Eduardo Morettin (1995) em seu artigo, quando ele fala sobre o perigo que a indústria cinematográfica representa para os filmes e suas produções, no que diz respeito a uma má-sugestão. Ao contrário, o cinema como elemento emancipador, e não como mais um negócio sem qualquer outra finalidade a não ser dinheiro, é feita a partir da utilização dos filmes para fins educativos, como no caso do Entretodos, que exhibe filmes que estejam alinhados com os direitos humanos.

Por fim, é possível perceber que aliar os direitos humanos às obras cinematográficas tem um grande potencial educativo e transformador, porque de alguma maneira esse movimento vai contra produções que têm como objetivo tornarem-se produtos de uma indústria cultural. Os filmes exibidos no festival se mostram como possibilidades para provocar inquietações, discussões, mas também serem vistos como entretenimento.

Desse modo, o objetivo claro e específico é ter como norteador dos curtas-metragens os direitos humanos, para que então seja possível, através deste tema, formar um olhar crítico em relação aos próprios direitos humanos, e em relação à realidade daqueles que assistem aos filmes. E após as análises acima realizadas, é possível, então, enxergar possíveis articulações dos filmes exibidos pelo festival com a educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADORNO, T. **Educação e emancipação**. Paz & Terra, 2003, 3ª edição, São Paulo.

_____. **Textos Escolhidos**. Nova Cultural, São Paulo, 1999.

ADORNO, T; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**, Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

AZEVEDO, Tania M. C. **Brinquedos e gênero na educação infantil. Um estudo de tipo etnográfico no estado do Rio de Janeiro**. 2003. 203 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era reprodutibilidade técnica**. L&PM Editores, 1. Ed. Porto Alegre, 2013.

_____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Editora Brasiliense, 7ª edição, São Paulo, 1994.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1967.

GARCIA, Valéria Aroeira. 2. Educação não formal: um mosaico, p.49. In **Programa curumim: memórias, cotidiano e representações**. Margareth Brandini Park; Renata Sieiro Fernandes (org.), 2015. Edições Sesc São Paulo.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural I**. 1ª edição. Cosac Naify Portátil. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

LOUREIRO, R. Educação, cinema e estética: elementos para uma reeducação do olhar. *Educação & Realidade*, 33(1): 135 – 154, jan/jun, 2008.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª edição. Vozes: Rio de Janeiro.

MOGADOURO, Claudia. **Educomunicação e escola: o cinema como mediação possível (desafios, práticas e propostas)**. 428 p. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, 2011.

MORETTIN, E. **Cinema educativo: uma abordagem histórica**. *Comunicação e educação*, São Paulo, (4): 13 a 19, set/dez. 1995.

ONU Brasil. **O que são os direitos humanos?** Disponível em: <<http://www.dudh.org.br/definicao/>> Acesso em: 28 de dezembro de 2015.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana** [organizadores: Hermano Vianna, Karina Kuschnir, Celso Castro]. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FILMOGRAFIA:

Carnaval dos deuses. Direção: Tata Amaral. Produção: Serviço Social do Comércio (SESC). Brasil, 2010, 9 min. Disponível em: <<https://vimeo.com/50705286>> Acesso em: 15 jan. 2016.
>

Naiá e a lua. Direção: Leandro Tadashi. Produção: Leandro Tadashi; Luciana Pilon. São Paulo, 2010, 13 min. Disponível em: < <https://vimeo.com/33379987>> Acesso em: 19 out. 2015.

Malú. Direção: Alvaro Meneses. Produção: Alvaro Meneses. Bahia, 2013, 4 min. Disponível em: <<https://vimeo.com/72866336>> Acesso em: 28 set. 2015.

Papel de mulher. Direção: Saulo Garroux. Produção: Agenos Mendes Jr. São Paulo, 2011, 9 min. Disponível em: < <https://youtu.be/IfmeVAsMm9I> > Acesso em: 28 set. 2015.